

## “Navegar é preciso, viver não é preciso”: por uma semiótica das escalas<sup>1</sup>

Guilherme da LUZ<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Se as incomensuráveis relações que compõe a pluralidade de mundos que chamamos de terra são perpassadas por constantes atividades multiescalares e de múltiplas mediações, a pergunta que nos parece pertinente é a de como tornar algo disponível a experiência sensível diante desta trama relacional? Como extrair alguma inteligibilidade dessa intrincada malha multifatorial? Como nos organizarmos em um espaço visível, já que somos constantemente confrontados com aparentes impossibilidades tradutórias por operações de diferentes níveis ontológicos? Ensaíamos, neste artigo, a demonstração de uma produtividade operacional do diagrama na passagem de multiplicidades que compõem os arranjos locais minoritários às estruturalidades globais que compõe a labiríntica malha dos agenciamentos concretos. Para tanto, tomamos como ponto de partida o provocativo texto de Patricia Reed (2013) sobre as condições de navegabilidade em um mundo multiescalar e sobre o papel intersticial atribuído por Deleuze (2013) ao diagrama na pressuposição recíproca entre máquinas abstratas e agenciamentos concretos.

**PALAVRAS-CHAVE:** escalas; diagrama; navegação; semiótica

### 1 - Introdução

O título deste artigo, para além da formulação dada por Fernando Pessoa no poema a que se refere, de que navegar é preciso porque “Viver não é necessário; o que é necessário é criar” (PESSOA, 2013), traz, junto à ambiguidade operada pelo adjetivo “preciso”, a ideia de que a vida, em oposição à navegação, prescindem da retidão de um traçado orientado, enquanto a navegação, por mais desorientada que seja, não pode eximir-se da precisão de um destino.

Partindo de tal provocação, este trabalho tem sua motivação na publicação de um texto da escritora e artista Patricia Reed (2019), chamado *Orientation in a Big World: On the Necessity of Horizonless Perspectives*. No texto, Reed propõe pensar os desafios à produção das condições de navegabilidade em um mundo cuja multiplicidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 29 - Semiótica da Comunicação, no XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM-UFRGS, e-mail: [guilh.gl@gmail.com](mailto:guilh.gl@gmail.com).

---

escalar o está tornando fadado a proliferação de desorientações e desarranjos nos modos de vida.

O conceito de *Big World* empreendido por Reed (2019) deve ser compreendido na esteira das principais questões de nossa contemporaneidade, como a ubiquidade tecnológica, as simultaneidades espaço-temporais do ciberespaço, as realidades aumentadas, as lógicas de produção do capitalismo mundial integrado, a consolidação das *Big Techs*, as múltiplas redes em que estamos imersos, a intrincada malha logística das *commodities*, a desorientação especulativa do mercado financeiro, a plataformização generalizada dos modos de vida, este *Big World* deve ser medido menos a partir de sua extensividade topográfica e mais por meio de uma densidade topológica, operada pelo acúmulo de malhas multifatoriais sobrepostas. A pergunta inicial é: como nos relacionamos com este mundo global, ou com uma infinidade de mundos que se globalizam (universalizam) a partir de um pontos de vista locais? Como lidar com essa escala multiplanetária que opera no entrecruzamento incessante do local com o global e vice-versa?

## **2 - (Des) orientação no confronto entre mundos: tradução e multiescalaridade**

Para Patricia Reed (2019), há uma condição multiescalar do mundo que compreende não apenas que coisas de diferentes grandezas se relacionam de formas distintas, mas que essas coisas participam de mundos próprios, habitáveis segundo as regras que subjazem de suas dimensões escalares. Se, por exemplo, analisarmos o complexo de relações que habita o interior de um formigueiro, sua organização do trabalho, os intrincados caminhos subterrâneos por onde se guiam seus habitantes, o desfilar ordenado de sua população, há todo um conjunto de elementos ali dispostos a compor um cosmos. Esse mundo particular das formigas pode estar situado no interior de um vaso de flores, e este, por sua vez, pode compor com outros vasos a estrutura de uma estufa, onde pássaros visitantes transportam suas sementes entre os vasos e as polinizam. Há sempre uma escala que rege o modo de funcionamento de um determinado mundo, do mesmo modo, há ligações intermundos que compreendem complexas relações multiescalares. A passagem entre esses níveis é o que, segundo Reed, nos permite compreender de que modo um mundo local se comunica com um mundo global, pois a globalidade do mundo não é apriorística, mas sim, resultado contingente de uma infinidade de mundos locais que estão sempre em vias de traçar

---

suas globalidades. A passagem do local ao global não é apenas a passagem do micro ao macro, do muito pequeno ao muito grande. Essa comunicação exige a composição de um plano transversal heterogêneo, uma operação tradutória pluriontológica que é condição e condicionante do que ela chama de navegação.

Levi-Strauss (2012), diz que um estudo que se pretenda cosmológico não pode prescindir da compreensão de uma planificação ontológica, e que tal procedimento, o de “dissolver o homem na vida e a vida no cosmos consiste, de certo ponto de vista epistemológico, em passar do mais simples ao mais complexo” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 287), tornar quanto mais heterogêneo possível seu plano de observação para que assim mergulhe nas zonas interespecíficas, faça permutarem-se infinitos mundos. Em Deleuze e Guattari (2012) este é o *plano*, um corte transversal que deixa ver suas camadas de sedimentação (tal como os cortes geológicos deixam ver os empilhamentos de suas camadas estratigráficas). Por conseguinte, um plano é o que faz ver, sentir e pensar, é uma *perspectiva*.

Patricia Reed (2019) diz que uma coisa é nomear o "humano descentrado" e sua situação de "escala planetária", mas outra bem diferente é aprender a coexistir com as consequências desses conceitos de forma significativa, com suas implicações materiais, epistêmicas, sociais e ecológicas. Considerado uma escala planetária, será impossível navegar com ferramentas, linguagens, conceitos e configurações espaciais pertencentes apenas ao pequeno mundo do familiar e do discreto. As condições para essa navegação precisam vir de uma força vitalista que mobilizará os vetores de relacionalidade nas enésimas dimensões existentes (REED, 2019, s/p). Por outro lado, se há risco de uma navegação que reduza a multiplicidade a um ponto de vista, nos parece haver a necessidade de construção de navegabilidades contemporâneas que tornem as dimensões escalares compossíveis.

A solução proposta por Patricia Reed (2019) é a que toma a especificidade de um ponto de vista particular, de uma perspectiva, não apenas em sua singularidade, mas também nas relações que ela produz para fora de si. As perspectivas não são, deste modo, desconectadas, elas são pontos de vista que estão relacionados de forma imanente. Como cada ponto de vista tem ele próprio mais as relações que ele entretêm, ele terá, por conseguinte, um tipo de visão de totalidade. Um ponto de vista pode ser, deste modo, ensimesmado, mas deve ser também a totalidade das relações possíveis

---

com hipotéticos pontos de vista. Uma espécie de estrutura outrem entra em jogo na configuração dessa relação entre o dentro e o fora da perspectiva.

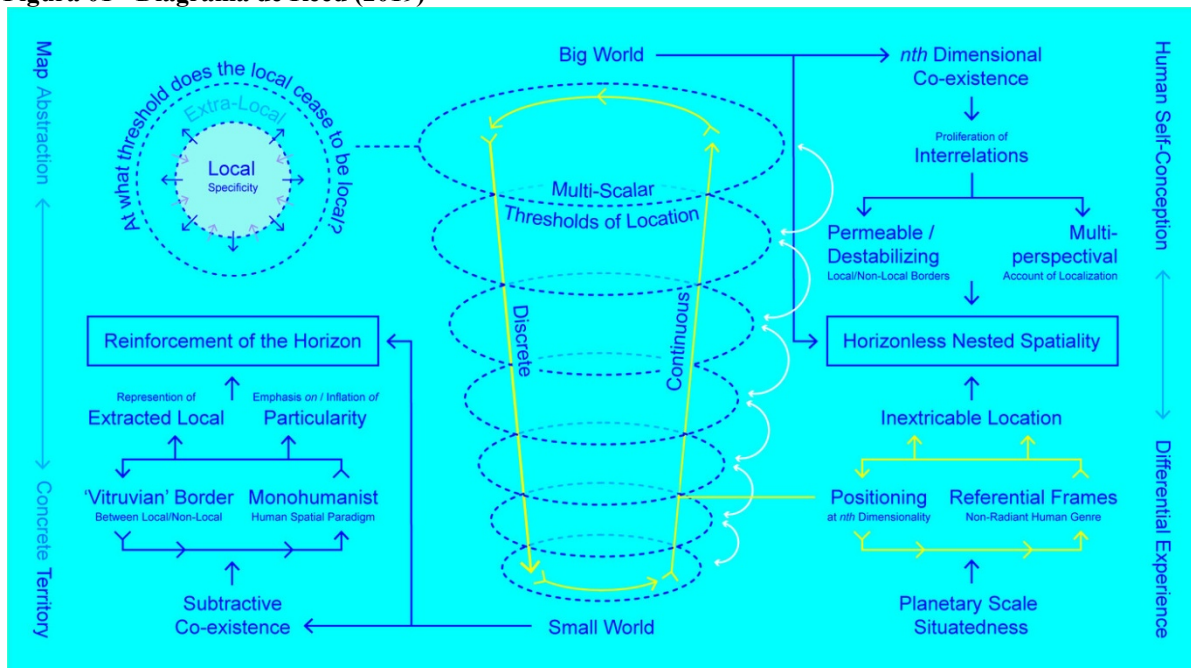
Assim, há neste processo a incorporação de uma constante cooperação entre os hábitos e a experiência sensível em uma trama que se atualiza continuamente ao passo de seus percursos, que dependem não só de repetições, mas de um certo imponderável do mundo.

Isso se dá porque, ao navegar nesta miríade de perspectivas sobrepostas, não conseguimos compreender que os caminhos da navegabilidade estão entrelaçados, aninhados segundo esquemas indissociáveis. Os elementos tradutórios nesse cenário estão sobremaneira dissolvidos, os sinais de tradutibilidade dos mapas globais não são imediatamente rebatidos sobre os mapas por onde circulamos, nosso desejo não é facilmente reconhecível em outra dimensão, pois pode requerer coisas que, neste novo mundo, são conflitantes, inconsistentes, por isso nossos horizontes de expectativa são confusos.

Para se fazer passar do local ao global (do micro ao macro), do simples ao complexo, segundo Patricia Reed (2019), há uma problemática *escalar*, para nós, trata-se de um problema eminentemente ligado a uma semiótica maquínica. Se pensarmos nos signos que, em seus movimentos tradutórios alojados entre as zonas limítrofes da pequena produção de uma cotidianidade regular (hábitos) e a grande malha lingüística do mundo, a ideia de *navegação* nos parece estar inexoravelmente associada ao caráter realacionista do diagrama, que atua aqui como uma ferramenta de transversalização entre instâncias de naturezas distintas.

### 3 - O Diagrama e a navegação

Figura 01 - Diagrama de Reed (2019)



Fonte: *Orientation in a Big World: On the Necessity of Horizonless Perspectives*

Quando Caetano Veloso (2012) diz que “Lá fora o mundo ainda se torce para encarar a equação” (VELOSO, 2012), parece identificar, em nossa contemporaneidade, que as relações de mediação entre os dados da experiência sensível e as ferramentas da ciência, produzem um conjunto de problemáticas descritas por uma infinidade de conceitos, teoremas, fórmulas, axiomas, ferramentas, técnicas e tecnologias cujo objetivo é a tradução da complexidade multidimensional dos dados a escalas compatíveis com o que é cognoscível em nosso tempo. O mundo precisa ser torcido, porque a nós não é possível acessá-lo sem a mediação dos signos. O que nos parece fundamental é a observação acerca da natureza das ligações que essa *torção* representa. A questão que se apresenta a partir disso é a de pensarmos se é possível a navegação em mundo multiescalar sem que, com isso, ocorra a redução de outras perspectivas a uma só? O capitalismo tem como propriedade projetar uma escala para um mundo multiescalar. Seus axiomas atuam como buracos negros a sugar perspectivas e promover a planificação escalar dos mapas locais. A escala tem, neste caso, o poder de homogeneizar, pois há um achatamento escalar que traduz toda perspectiva divergente para dentro de suas leis. Se a função do capital é promover a acumulação, tal característica se sobrepõe as múltiplas camadas das realidades multiescalares e apaga essas perspectivas.

---

Assim, é preciso que se indague como preservar a singularidade de cada escala, de cada perspectiva, de cada paradigma, e, ao mesmo tempo, navegar em um mundo que esta tornando essas escalas possíveis ?

O mundo multiescalar é por si só uma estrutura desorientadora, pois é uma dupla experiência de interiorização do exterior, que torna tudo navegável de forma simultânea e imediata. As relações que se passam entre global e o local tomam a mesma forma daquelas cuja dinâmica descreve as idas e vindas entre multiplicidades espaço-temporais, matérias informes, fluxos moleculares e a molarização dos campos sociais na história.

Deleuze (2010) diz que o que define uma maioria é a existência de um modelo ao qual é preciso estar conforme (DELEUZE, 2010, p. 218), por outro lado, uma minoria é dada a partir da ausência de um modelo, pois ela é um devir, um processo, “pode-se dizer que a minoria não é ninguém” (DELEUZE, 2010, p. 218). É deste modo que, em Deleuze e Guattari (2012) todo mundo carrega em si, de forma potencial, um devir minoritário, capaz de levá-lo para caminhos imprevisíveis. A minoria, de forma inversa, também é capaz de criar modelos, tornar-se majoritária, pois é disto que depende sua sobrevivência. A potência das minorias, entretanto, provém de sua criação, que engendra dentro do modelo criado uma reserva de potência que não depende de sua estruturalidade.

Deleuze e Guattari (2012) compreendem as aglomerações sociais (cidades, sociedades, grupos políticos, Estados) a partir de aglutinações de multiplicidades pré-individuais que compõem os indivíduos e determinam suas relações (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 191). Estas multiplicidades se distribuem no corpo de um dado território segundo agenciamentos que conjugam ao mesmo tempo regimes de signos e regimes de potências, formas de dizer e formas de agir, inseparáveis umas das outras, sendo que “seus enunciados nunca são senão signos de suas desterritorializações e reterritorializações incessantes” (LAPOUJADE, 2015, p. 227). Para Deleuze e Guattari (2011):

As semióticas dependem de agenciamentos, que fazem com que determinado povo, determinado momento ou determinada língua, mas também determinado estilo, determinado modo, determinada patologia, determinado evento minúsculo em uma situação restrita possam assegurar a predominância de uma ou de outra. Tentamos construir mapas de regimes de signos: podemos mudá-los de posição, reter algumas de suas coordenadas, algumas de suas dimensões, e, dependendo do caso, teremos uma formação social, um delírio

---

patológico, um acontecimento histórico... etc. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 74)

É, deste modo, que os autores supõem que as formas de aglutinação dos grupos sociais existem em perpétua interação, segundo fronteiras movediças. Lapoujade (2015) diz que é preciso atentarmos à coexistência dessas formas também a partir de uma outra ordem, não mais tomando seus agenciamentos concretos, mas as máquinas abstratas que as põe em funcionamento. Passamos, neste caso, de uma coexistência espaço-temporal, histórica, para uma coexistência virtual, de potências e devires.

Isto se dá, porque há um campo virtual, não histórico, em que todas as potências da “máquina social” (aquela que conjuga todas as formas sociais) coexistem virtualmente, estando a “forma-Estado”, a “forma-Cidade e a “forma-nômade” já potencialmente presentes em formas societárias minoritárias, uma potencialidade que sua organização social tem por função repelir. O inverso também pode ser dito, contendo o Estado dentro de si as potências de outras formas de organizações sociais, mesmo que para se opor a elas ou trazê-las para dentro de sua perspectiva. “Todas as potências das formações sociais são envolvidas, implicadas umas nas outras dentro de um espaço topológico e de um tempo estratigráfico; elas formam um vasto *continuum*.” (LAPOUJADE, 2015, p. 231).

O que garante essa continuidade fiadora da possibilidade de navegação entre os estratos que compõe os diferentes aglomerados sociais no chamado Big World é a instância diagramática, produtora das máquinas abstratas que efetivam a relação entre uma Big Tech e uma favela, o Vale do Silício e uma aldeia indígena no Mato Grosso do Sul, como um mapa coextensivo a todo um campo social.

Tatiana Roque (2015) diz que o diagrama “é um regime sob o qual uma realidade se engendra sem que seja necessário passar por qualquer mecanismo de representação” (ROQUE, 2015, p. 84), em suma, “o diagrama como operação relacional” (MACHADO, 2013, p. 13) é um meio de pensar um regime de signos que seja capaz de refazer a repartição entre conteúdo e expressão, “um modo de analisar os agenciamentos sem que seja necessário partir de algo já constituído” (ROQUE, 2015, p. 85). Voltando a nossa questão, os mapas de navegação global e local, para que não sejam subsumidos às lógicas operatórias da homogeneização do capitalismo global integrado, precisam ser desenhados a partir de “um plano que não se reduza ao modo

---

como o capitalismo codifica os movimentos, tornando-os conforme ao seu funcionamento e à expansão de limites que o caracteriza.” (ROQUE, 2015, p. 86).

Quando um devir-minoritário toma para si a produção de seu próprio plano de navegabilidade, além de seu ponto de vista se instaurar enquanto um mundo, essa visão imprime sobre a maquinaria imanente do capital uma espécie de zoom sobre ele próprio, fomentando um aumento de nitidez para as questões de sua escala, aumentando as condições de legibilidade de sua cosmologia a partir de múltiplos processos tradutórios. É como se ele navegasse por uma região, orientado pelo mapa de outra. Irene Machado (2013) diz que

os mapas desenharam o território a partir de relações de similaridade sem, contudo, estabelecer semelhanças. A composição de mapas explicita apenas e tão somente o cálculo dedutivo de toda operação mental baseada no pensamento diagramático icônico. (MACHADO, 2013, p. 13).

Suely Rolnik e Felix Guattari (1986) parecem corroborar tal aceção ao dizer que

A problemática micropolítica não se situa no nível da representação, mas no nível da produção de subjetividade. Ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos. Então, não se trata de elaborar uma espécie de referente geral interestrutural, uma estrutura geral de significantes do inconsciente à qual se reduziram todos os níveis estruturais específicos. Trata-se, sim, de fazer exatamente a operação inversa, que, apesar dos sistemas de equivalência e de tradutibilidade estruturais, vai incidir nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras de subjetividade em sua pluralidade. (ROLNIK, GUATTARI, 1986, p. 35).

Isso porque o que temos no nível da micropolítica, dos mundos locais, são matérias não-formadas, funções não formalizadas, diagramas altamente instáveis que não param de construir mutações, “ele nunca age para representar um mundo preexistente, ele produz um novo tipo de realidade” (DELEUZE, 2013, p. 45), atua nas formações históricas de forma inferencial engendrando “conjunções inesperadas, de improváveis *continuuns*” (DELEUZE, 2013, p. 45).

Se o diagrama não é da ordem do arquivo, ou do agenciamento concreto, como aqui estamos caracterizando os mundos globais, ele é tampouco da ordem do visível, mas um ícone de relações inteligíveis, um mapa das correlações entre forças, mapas de densidade, de intensidade, cujas relações são do tipo “microfísicas, estratégicas, multipontuais” (DELEUZE, 2013, p. 46). Em suma, o diagrama pode ser dito como o



---

modo de funcionamento de uma máquina abstrata, de um agenciamento concreto, de um meio histórico, a partir do qual os saberes, as estruturas, os estratos, são postos para funcionar.

O que nos interessa neste artigo, portanto, é a demonstração de uma produtividade operacional do diagrama na passagem das multiplicidades que compõem os arranjos locais minoritários às estruturalidades globais que compõe a labiríntica malha dos agenciamentos concretos. “O diagrama age como modulador, pratica uma analogia sem semelhança.” (ROQUE, 2015, p. 96), a multiplicidade diagramática, portanto, não pode ser diretamente atualizada, pois se trata do elemento diferencial das forças, segundo Roque (2015):

O diagrama não remete a um conteúdo. Em sua característica operatória, aquilo que ele expressa deve dar lugar a outra coisa. Um signo que sempre se apaga não possui um fim em si mesmo: sugere uma realidade por vir. (ROQUE, 2015, p. 96).

É assim que o diagrama, como máquina abstrata, sempre se executa suas funções em agenciamentos concretos, operando a passagem entre as instâncias do visível e do enunciável, do molecular ao molar, do local ao global, como uma abertura, uma disjunção das formas “onde penetra o diagrama informal” (DELEUZE, 2013, p. 47), sendo o agenciamento concreto, o elemento global, fendido pelo interstício a partir do qual o diagrama se efetua. Roque (2013) diz que

A máquina abstrata, tal como Deleuze e Guattari propõem, não separa os estratos – de expressão e de conteúdo, semiótico e físico –, ela opera uma passagem direta entre os signos e as coisas. E o modo pelo qual o faz é dito “um processo diagramático”. A máquina aqui não é uma metáfora, é máquina porque trabalha o real, fabrica-o, ao mesmo tempo, em que forja um regime de signos. (ROQUE, 2013, p. 98).

Nos parece que a função diagramática no pensamento de Deleuze (2013) é capaz de servir aos propósitos iniciais deste trabalho, na medida em que seu papel é o de criar pontes, instaurar relações transversais entre minoridades locais que permitam que suas passagens às molaridades globais sejam formadas por matérias visíveis e funções enunciáveis que não mais produzem relações automáticas entre expressão e conteúdo, mas que engendram aberturas disjuntivas irreduzíveis uma a outra, liberando suas potências criadoras de novos mundos plurais multiescalares.

## Considerações finais

Retomando a questão inicial, provocada por Reed (2019), que versava em perguntar como passar do local ao global, da pequena à grande escala, sem que isso implique transformar o local no Global? Ou seja, se que uma escala se torne totalitária e assimiladora das demais? É preciso, antes de mais nada, entender como precisão a que conceitos de local e global nos referimos. Primeiros porque suas fronteiras não estáticas, há permeabilidade e pressuposição recíproca entre essas instâncias, mesmo que suas naturezas ontológicas sejam distintas. Segundo, é importante observarmos, como vimos, que os caminhos de tradutibilidade não estão prontos, precisam ser engendrados, os mundos precisam ser avisinados e produzir suas fronteiras e suas pontes de navegabilidade. Quando entramos no mundo da multiescalaridade, a navegação não pode prescindir da preservação da singularidade de unidades escalares locais, e para isso é preciso que se operem relações diagramáticas entre as multiplicidades minoritárias e os agenciamentos concretos molares. Por fim, é preciso saber que cada mundo é equivoco, e que essa equivocidade também diz respeito a uma espécie de totalidade lacunar, pois falta a nossa totalidade local, a perspectiva de outros sobre nosso ponto de vista.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia I. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- \_\_\_\_\_, **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia II**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- \_\_\_\_\_, **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia II**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo:Ubu, 2020.
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papyrus, 2012
- MACHADO, Irene. **Diagrama como problema semiótico: atividade do Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação**. São Paulo: Semeioses, n.1, v.4, 2013

PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso**. São Paulo: Textos para Reflexão, 2013.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

REED, P. **Orientation in a Big World**: On the Necessity of Horizonless Perspectives.  
E-flux Journal #101 – June, 2019.

ROQUE, Tatiana. **Sobre a noção de diagrama**: matemática, semiótica e as lutas minoritárias. Rio de Janeiro: Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência; Vol. 8 – nº 1, 2015. pp.84-104.